



Faculdade de Pindamonhangaba



**Jéssica Severino de Abreu**

## **O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM**

**Pindamonhangaba – SP  
2014**



Faculdade de Pindamonhangaba



**Jéssica Severino de Abreu**

## **O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Profa. MSc. Sandra Maria da Silva Costa.

**Pindamonhangaba – SP  
2014**



Faculdade de Pindamonhangaba



**JÉSSICA SEVERIO DE ABREU  
O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM.**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo curso de pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. \_\_\_\_\_ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_ .....

Assinatura \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho aos meus pais,  
por todos os seus esforços em prol da  
minha formação, ao meu marido pelo  
apoio em todos os momentos, e à minha  
maior inspiração, Sofia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que me inspirou a esta busca pela minha profissão, abrindo-me esta porta mostrando que nada é feito por acaso ou pela metade quando é de Sua vontade.

À Profa. MSc. Sandra Maria da Silva Costa, pela atenção, dedicação e imenso apoio na orientação do meu trabalho.

À coordenadora Marina Buselli por todo apoio, estímulo e atenção, demonstrando que estava ao meu lado e que tinha fé em mim.

A todos os professores do curso de Pedagogia que contribuíram para que eu chegasse até o fim com seus ensinamentos pedagógicos e ensinamentos para a vida toda.

À minha família, que a todo momento, à cada dificuldade me ajudou e não me deixou desistir de chegar até o fim.

À minha filha Sofia, que foi minha maior e melhor motivação, me trazendo amadurecimento, e forças para concluir o curso.

Ao meu marido Alexandre, que me acalmou nos momentos mais difíceis, me estimulou quando estava desanimada, que não me deixou desistir do meu sonho.

E a todos os profissionais da Faculdade de Pindamonhangaba que também participaram desta longa caminhada.

O maior sinal de sucesso para um professor é  
ser capaz de dizer: As crianças estão agora  
trabalhando como se eu não existisse.

Maria Montessori

## RESUMO

A pesquisa traz um estudo sobre o tema proposto: O papel da família na aprendizagem. Com o objetivo de compreender o que está ocorrendo com nossa educação, com as famílias e principalmente com a aprendizagem das nossas crianças. Buscando resposta para questões como: Até onde vai a família no processo de aprendizagem? Qual o seu papel neste processo? Qual a responsabilidade da escola?. Trata-se de um estudo exploratório que contou com a revisão de literatura, por meio de pesquisas em livros, artigos científicos, revistas, sites especializados e monografias pertinentes ao tema. Somente por meio de um trabalho comprometido e com amor por parte da escola e da conscientização dos pais da importância de sua participação na vida escolar dos filhos, conseguiremos um aprendizagem de qualidade.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Família. Escola. Processo de aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 MÉTODO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1 A Família brasileira.....</b>	<b>10</b>
<b>3.2 A Educação brasileira.....</b>	<b>11</b>
<b>3.3 Conceitos de Aprendizagem.....</b>	<b>12</b>
<b>3.4 Família versus Escola.....</b>	<b>14</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente nossa sociedade tem passado por mudanças culturais e sociais de grande importância. As famílias, os amigos, a escola e a relação entre eles tem sentido os reflexos dessas transformações.

Antigamente a família tinha um modelo social, cultural e econômico a ser seguido, o pai era responsável pela parte financeira da casa, a mãe responsável pela casa e pela educação dos filhos. Porém hoje, este modelo é totalmente ultrapassado. A família mudou, o homem mudou, e a mulher de acordo com Tiba (2002), saiu para o mercado de trabalho sem deixar, contudo, de ser mãe. Isso não implicou em que o pai assumisse a responsabilidade deixada por ela.

Hoje, a família passou a dividir os papéis e tem passado por uma desestruturação em seus relacionamentos devido à busca de qualidade de vida, já que todos contribuem com a parte financeira da casa. Todos saíram em busca do “melhor” e acabaram deixando de participar da vida dos filhos, terceirizando esta tarefa à escola, ou seja, cobrando da figura do professor a transmissão de valores, crenças, sentimentos e laços que cabem ao núcleo familiar.

Escola e família têm papéis de grande importância no complexo processo de aprendizagem. Mas até onde vai a responsabilidade da escola no processo de aprendizagem? Até onde vai a família? Qual a contribuição da família dentro e fora da escola para uma aprendizagem de sucesso?

Portanto, é necessário buscar respostas refletindo sobre as características e as responsabilidades da família e da escola contemporânea, e em que elas têm influenciado no comportamento e na aprendizagem dos filhos.

## **2 MÉTODO**

A pesquisa foi realizada através de revisão da literatura com livros, enciclopédias, *sites* especializados, artigos científicos e monografias como fonte de informações, conceitos e discussões. A busca se deu a partir das palavras-chave: aprendizagem, família, escola e processo de aprendizagem.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1 A Família brasileira

A sociedade brasileira passou por muitas transformações significativas. Onde predominava uma cultura mais rural, em que a família era um grupo fechado e patriarcal, desenvolveu-se uma sociedade industrial, um modelo que trouxe muitas transformações sociais, geográficas e culturais que refletiram principalmente na estrutura da família.

De acordo com Oliveira (2002), não só no Brasil, mas em todo o mundo, a família e o sagrado sacramento do casamento sempre estiveram intimamente ligados. Porém, com todas as transformações sofridas pela sociedade esta instituição também foi afetada, já que no final da década de 1960 houve um aumento nas separações e divórcios, mostrando o fim do conformismo das mulheres que viviam em casamentos insatisfatórios. A partir daí, surgem diversas formas e modelos familiares, casamentos sucessivos, casais convivendo com filhos do casamento anterior de seus cônjuges, casamentos homossexuais, mães separadas criando seus filhos sozinhas, as chamadas produções independentes.

Chegamos assim à família moderna. De acordo com um dossiê sobre a família moderna feito pela Revista *Psique Ciência e Vida*, é neste contexto pós modernidade que conseguimos perceber claramente que os pais se sentem totalmente acuados pelo novo modelo econômico familiar, os filhos têm atividades extracurriculares para a semana toda (futebol, balé, natação, inglês, etc.) e os pais por sua vez horas e horas de trabalho, não deixando um horário vago para o diálogo, e nem mesmo para o jantar em família, deixando assim a mesa dos filhos cada vez mais vazia.

Orsi (2003) afirma que mudanças na estrutura social interferem no processo de desenvolvimento da criança, bem como sua aprendizagem. Diz ainda que tais processos são predeterminados pelo sistema capitalista e pela ciência que define o tipo ideal de pai, mãe, filhos, alunos e escola que a sociedade de consumo necessita.

Os pais vêm se esquecendo de criar importantes laços emocionais e afetivos com os seus filhos, com isso se sentem inseguros quanto à forma de educá-los.

Amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobre-humano, mais precisamente, científico [...] os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. Os

especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor materno e paterno (COSTA, 1997 apud OLIVEIRA, 2002, p. 15).

Em alguns lares não existe convívio ou diálogo. Muitas mães ao chegarem em casa cansadas, querem relaxar frente à televisão vendo suas novelas, sem mal se relacionar com seu filho, sem saber como foi seu dia, se foi bem na aula, se precisa de ajuda em suas tarefas.

Falta amizade, afetividade, amor e o mais importante, falta respeito no ambiente familiar.

Os grupos de referências para as crianças são a demonstração desse vazio, que acaba sendo preenchido por personagens da TV: pelos “Rebeldes”, os “Big Brothers”, ou grupos do MSN, enfim, modelos a serem seguidos. (PAROLIN, 2008, p.46).

Diante disso, os pais vêm transferindo a responsabilidade de formação educacional e intelectual dos filhos à escola. Faz-se necessária a reflexão em relação aos valores éticos e morais que só a família pode ensinar aos filhos.

### **3.2 A Educação brasileira**

Oliveira (2002) relata que a Educação no Brasil, desde seu descobrimento até metade do século XIX, era responsabilidade da Igreja. Os Jesuítas participaram diretamente do planejamento da Educação brasileira, que tinha como objetivo formar homens baseados na Sagrada Escritura. Mais que um instrumento de desenvolvimento intelectual ou moral, esta educação tinha a função de intimidar os que aqui habitavam, já que, antes de estar a serviço da fé, essa educação estava a serviço dos interesses do Estado.

Após a chegada da Família Real Portuguesa no Brasil (1808), e da Proclamação da Independência (1822), o foco passou a ser a formação da elite, o projeto de escola pública só se manifestou por volta de 1823 determinando que o Ensino Básico deveria ser gratuito a todos (OLIVEIRA, 2002).

A partir da década de 1920, a elite começa a entrar em crise dando origem a Revolução de 1930, que foi o estopim de diversas transformações no Brasil. Com tantas mudanças começa-se a pensar no Sistema de Educação Básica, que tinha princípios como: a

gratuidade e a obrigatoriedade do ensino fundamental, o direito à educação, a liberdade de ensino e a obrigação do Estado e da Família na Educação.

O direito à educação se dá com o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1948, estabelecendo que

[...] A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 12).

Com a garantia deste direito decretada, o Estado se vê cada vez mais responsável pela Educação, oferecida pela instituição escolar.

Segundo Oliveira (2002), em todas suas idas e vindas, a Educação só deu ênfase à relação escola/família, com questões trazidas pelo movimento escolanovismo, que se deu na Europa no final do século XIX. Movimento este que se deu com as inovações tecnológicas e com o desenvolvimento da economia no começo do século XX. Eis aqui o início das ideias pedagógicas inspiradas em Dewey, Maria Montessori, Piaget, Taylor e muitos outros, voltadas para a criança e suas ações, vendo a educação por um ângulo mais psicológico. Destas reflexões nascem também as avaliações, os projetos, os testes, as metodologias, entre outras.

È neste período que ganham espaço as Associações de Pais e Mestres, que a partir de 1971 passam a ser obrigatórias, mostrando assim as primeiras tentativas da família em participar e observar a escola. Porém esta ação mostrou-se ineficaz. Segundo Bueno (1987, apud OLIVEIRA, 2002, p. 44) “Essa possibilidade de compartilhar a responsabilidade na educação escolar mostrou-se improdutiva e problemática, fundamentalmente no que dizia respeito aos seus objetivos iniciais, não tão claros”.

A escola mudou, as leis e as famílias também, porém ainda hoje não se pode dizer que a relação família/escola/aluno obteve o resultado esperado.

### **3.3 Conceitos de aprendizagem**

O conceito de aprendizagem é bastante amplo, mas é comum que seja restringido apenas aos processos escolares.

Conforme estudos de Piaget (1973), a aprendizagem envolve uma atividade por meio de descoberta ou invenção, dentro de um meio onde os próprios interesses da criança podem proporcionar desequilíbrio, gerando motivação. Sua base de pensamento está na adaptação. O homem, ser dotado de inteligência é capaz de adquirir conhecimento de sua realidade e se adaptar a ela. Ou seja, a apreensão de conhecimento, forma de funcionamento da inteligência, é aprendizagem.

Segundo Moura e Moretti (2003), a aprendizagem é um fenômeno social, que ocorre envolvendo pessoas e trocas simbólicas, assim o meio social em que a criança está inserida constitui a base de seu desenvolvimento.

De acordo com Falcão (2002), reserva-se o termo aprendizagem àquelas mudanças provenientes de algum tipo de treinamento, como o que ocorre nas aprendizagens escolares. Treinamento supõe repetições, exercícios, prática. Ou seja, para o autor a aprendizagem se trata de uma mudança de comportamento. Comportamento num sentido amplo como por exemplo, uma criança que entra na alfabetização e não lê, e ao final do ano está lendo, isto é uma mudança. Quem não sabe organizar e resolver operações, no decorrer do processo de treinamento, passa a resolvê-los.

Falcão (2002) afirma que entre os materiais mais ricos para a criança lidar está a pessoa humana, acreditando que o fator primordial da aprendizagem é a relação e a participação com o outro.

Falcão (2002) ainda destaca que segundo estudos de Piaget, o contato da criança com seus companheiros de idade em sala de aula é de extrema importância para o processo de aprendizagem, já que o companheiro de idade pode lhe oferecer desafios que podem ser enfrentados mais ou menos de igual para igual.

Stevanato (2003) afirma que desde o nascimento o indivíduo é modelado pelo comportamento dos familiares e pessoas mais próximas. Ou seja, a relação familiar é um dos fatores primordiais que determina os processos de conduta da criança, que pode influenciar na formação da personalidade e no processo de aprendizagem. Ainda segundo a autora, as crianças que em suas relações familiares vivenciam sentimentos de inferioridade, insatisfação, ansiedade, frustração, apresentam dificuldades de aprendizagem.

Em outras palavras, as crianças que não têm uma boa relação com a família na qual elas não se sintam amadas, seguras e importantes, criam um autoconceito negativo.

Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) afirmam que, o autoconceito criado pela criança baseada em suas relações familiares tem grande influência motivacional (ou não) na sua

aprendizagem, colocando o autoconceito negativo como maior reflexo das dificuldades de aprendizagem de natureza emocional.

As pessoas que afetam o autoconceito que a criança desenvolve são, geralmente, os adultos importantes em sua vida, como os pais e professores que, na maioria, exercem algum controle sobre a criança e cujas opiniões tem influência sobre ela. Se a criança sofre experiências em que se afirma seu fracasso provavelmente ela incorporará essa ideia em seu autoconceito, mesmo que não seja condizente com o real. (CARNEIRO; MARTINELLI; SISTO, 2003, p. 429).

### **3.4 Família versus escola**

De acordo com uma pesquisa realizada em 2006 pelo Instituto La Fabricca do Brasil, em conjunto com o Ministério da Educação, o desenvolvimento individual da criança não depende apenas dos professores e da sala de aula, mas também do apoio recebido da família para que o mesmo consiga traçar metas e alcançá-las.

Essa pesquisa apontou números positivos na aprendizagem quando família e escola trabalham juntas. No decorrer do estudo, o Instituto se deparou com um bom exemplo de participação de ambas. A escola Giulio David Leone, em São Paulo, contou que em 1994 os professores sentiram na pele a rejeição e falta de interesse das famílias ao realizar um convite para a implantação do sistema modular de ensino. Depois de expor o projeto, a diretora da escola ouviu de vários familiares: “Pior não fica”. Ela ficou extremamente chocada com a falta de interesse dos pais, mas também percebeu que sua escola estava sem nenhuma credibilidade. Ao longo dos anos, a instituição buscou então recuperar e credibilidade e buscar uma participação efetiva das famílias na aprendizagem de seus filhos. Com o objetivo traçado a escola começou a convocar reuniões a cada dois meses, não para reclamar de mal comportamento, mas para contar aos pais o que seus filhos iriam aprender, para que e como. Os pais que ali compareceram, e os que depois iriam conhecer o projeto e contribuir, ajudaram na consolidação do novo projeto pedagógico.

Com esta iniciativa da escola, os pais sentiram de fato que as portas da escola estavam abertas, e a parceira Família X Escola se consolidou de fato.

Conforme Vélez (2008, p.17)

[...] a relação Família X Escola está principalmente ligada à maneira como a família interage com a escola. Uma família que se interessa, interage e busca meio de incentivar e ajudar os filhos na vida escolar, mostra ao indivíduo a sua importância e o incentiva positivamente na complexa busca pelo conhecimento.

Não basta apenas participar das reuniões e comemorações escolares, contribuir financeiramente, é preciso perceber o seu papel no processo de aprendizagem buscando colaborar de forma sólida.

Como já foi dito anteriormente, as famílias da atualidade encontram dificuldades para educar e criar sozinhas os filhos, buscam na escola o papel de de círculo familiar que elas não podem oferecer, colocando o papel da escola com uma amplitude relacional maior que a família.

Segundo Vélez (2008, p. 17)

[...] é necessário promover a participação e a relação ativa, seja estabelecendo tempos para compartilhar dúvidas, opiniões, interesses e preocupações com outras famílias e com os profissionais, seja ajudando a conhecer o crescimento e a aprendizagem, não apenas no momento presente que vive seus filhos, mais em uma perspectiva de processo mais ampla que apoie novas situações vitais.

É indispensável trabalhar com diferentes formas e linguagens, sejam elas formais ou informais, combinando as informações às diversas variáveis presentes na vida escolar das crianças.

Família e escola têm os mesmos objetivos: o desenvolvimento da criança em todos os aspectos almejando o processo de aprendizagem com sucesso. E para que esta parceria alcance seu objetivo com sucesso, a relação família x escola deve ter por base o respeito. Se a família demonstrar curiosidade pelo que acontece em sala de aula e mostrar para a criança a importância do que é apreendido em sala, já estará contribuindo para uma aprendizagem eficaz. Talvez pareça simples, e talvez seja!

Conforme Gentile (2006, p. 35) “ [...] para tanto é necessário um trabalho de conquista. Só que é impossível haver aproximação quando só são marcados encontros para falar de problema. Isso causa antipatia e repulsa”.



As relações produzem transformações em todos os envolvidos, e neste caso principalmente nas crianças. Os vínculos decorrentes de tais relações significativas, favorecem de forma positiva a construção de aprendizagens sobre si, sobre o mundo e sobre os próprios adultos.

Portanto, não há dúvidas da necessidade de articulação entre as relações Família x Aluno x Escola, propiciando não só a aprendizagem mas também um intercâmbio de experiências, diálogos, debates e reflexões.

O problema não está só na família, e como afirma Vélez (2008, p. 17)

“A equipe de profissionais é o motor da escola. Enquanto o objetivo for juntar tarefas, dar coerência e unidade ao projeto educativo, criar tempos, espaços e meios para sustentar o plano de trabalho, além de promover o intercâmbio de todos os membros, o trabalho em equipe responderá à necessidade de aprendizagem”.

De acordo com Gentile (2006, p. 36) a escola tem como compromisso buscar a família e aproximá-la, tirando desta relação potencialidades para melhorar a participação dos pais, e o processo de aprendizagem.

Como professores não se pode esquecer que alunos são transitórios, e temos o compromisso de deixar sempre o nosso melhor para o amanhã. E como pais nunca esquecer que filhos são para sempre.

Ainda segundo Gentile (2006, p. 36)

[...] aprendizagem não ocorre só na escola, ela ocorre também em casa, com os amigos, com a professora, na rua, em todos os momentos da vida. Todos somos responsáveis para que ela ocorra de forma natural e saudável. Para isso precisamos colocar em prática uma frase que muito se diz mas nunca se concretiza a escola deve ser continuidade de casa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher este tema meu objetivo era compreender o que vem acontecendo com a nossa educação, ou seja, até onde a responsabilidade cabe à família e até onde cabe à escola.

Por já estar trabalhando na área, venho observando como pais e professores se mantêm no jogo de “empurra-empurra” na delegação dos deveres e cobranças na aprendizagem das crianças. Como Oliveira (2002), também podemos perceber e presenciar a insegurança dos pais na criação das crianças. O professor é um dos especialistas que mais observa os excessos e deficiências do amor e da atenção dos pais.

Através das leituras e de experiências em sala de aula pude perceber que, muitos pais têm sim consciência do seu papel neste processo, porém muitos não sabem como participar de fato, seja por falta de abertura por parte de algumas escolas, ou por conta da educação que estes pais receberam de seus pais, onde se tinha uma educação mais rígida e severa tornando-os adultos mais retraídos.

O tempo é outro, estamos numa sociedade extremamente tecnológica, estamos nos adaptando a uma nova cultura. Cultura esta que fez com que as crianças fossem inseridas mais cedo à escolarização, o que por outro lado traz um desenvolvimento pedagógico mais cedo, o que é positivo para o desenvolvimento da criança.

Porém, dentre as leituras, pesquisas e vivências, pude também perceber que muitos educadores e profissionais da educação muitas vezes não se veem como participante da formação do indivíduo, se colocando no papel de simples transmissor de conhecimentos. Assim como Vélez (2008), acredito que o professor precisa rever e se ver como o motor da escola e das relações entre Família e Escola, assumindo o papel de mediadora das relações dentro e fora de sala de aula.

O ato de educar é também um ato de amor. Todos nós estamos ligados a ele, seja direta ou indiretamente. Precisamos nos conscientizar e assumir a nossa parcela de responsabilidade, como pais, como educadores, como comunidade, como sociedade, enfim, buscando completar a outra.

Nossa educação, aquela com a qual eu fui criada no ambiente familiar e no escolar, e que de acordo com a nossa atual sociedade pretendo transferir à minha filha, passou por diversas mudanças. Sociólogos e antropólogos pesquisam e estudam tentando encontrar onde está o problema: na família? Na escola? Na situação econômica? O problema está em todos nós, assim como a solução. É necessário que todos acordem e preste atenção nas nossas

crianças enquanto há tempo, e que como pais deixemos para o futuro bons filhos, e que como educadores possamos deixar homens e mulheres de bem, uns para os outros e todos para o mundo.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, G. R. da Silva; SISTO, F. F. MARTINELLI, S. de C. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. **Psicologia: reflexões e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 427-434, maio/jun, 2003.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

GENTILE, P. Parceiros na Aprendizagem. **Revista Nova Escola**, São Paulo, v. 33, n. 193, p. 32-39, jun./jul. 2006.

MOURA, M. O. de; MORETTI, V. D. Investigando a aprendizagem do conceito de função a partir do conhecimento prévio e das interações sociais. **Revista Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 67-82, set./out. 2003.

ONU. Declaração Universal dos Direitos do Homem, art. 26, p. 12, de 10 de dezembro de 1948.

OLIVEIRA, L. F. **Escola e Família numa rede de (des)encontros**. Taubaté: Cabral Universitária, 2002.

ORSI, M. J. S. Reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOPEDAGOGIA, 1., 2003, Maringá, **Anais eletrônicos...** Maringá: Revista Caminhos, 2003, p. 90.

PAROLIN, I. Relação Família e Escola. **Revista atividades e experiências**, Curitiba, v. 10, n. 5, p. 15-17, mar./abr, 2008.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1973.

STEVANATO, I. S. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2002.

VÉLEZ, M. B. Vínculos entre famílias e profissionais na construção do projeto educativo. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 10, n. 17, p. 14-17, jul./out. 2008.